

ARQUEOLOGIA
DO URBANO/
abordagens
e práticas

ARCHAEOLOGY
OF THE URBAN/
approaches
and practices

ed. GABRIELA VAZ-PINHEIRO

Casa das Artes de Beirute: uma caixa-negra entre o acidente e a esteticização

Pedro
Bandeira

Um projecto de Diogo Matos, Dulcineia Santos, Pedro Bandeira e Pedro Ramalho

Beirute tem sido ao longo dos anos uma cidade onde a actividade cultural, fortemente vincada pelo multiculturalismo, se confronta, paralelamente, com um cenário de guerra devastador. Mais de uma centena de milhar de pessoas morreram durante a guerra civil libanesa (1975-1990) e em 2006 o conflito entre Israel e o *Hezbollah*, que matou mais mil pessoas (maioritariamente civis), tornou a destruir sectores de uma cidade que não consegue encontrar sossego. Beirute é uma cidade de destroços, que não sabe o que fazer ao entulho dos seus edifícios destruídos.

No âmbito da mais recente renovação de Beirute, o Ministério da Cultura Libanês, lançou o concurso internacional de arquitectura para o projecto da Casa das Artes e da Cultura - *The Lebanese-Omani Center*. A nossa proposta, não vencedora, partiu do princípio que arte e cultura não podem ser indiferentes aos problemas sociais. Pelo contrário, arte e cultura devem responder sem hesitação aos conflitos sociais. Depressa nos lembrámos do trabalho desenvolvido pelo *Atlas Group* (que recentemente teve uma exposição na Culturgest em Lisboa) ou do trabalho fotográfico desenvolvido em Beirute em 1991 por Robert Frank e Gabriele Basilico, ambos denunciadores de uma cidade em ruínas, consequência de uma crueldade sem limites. Poder-se-á dizer que há um paradoxo nestas imagens; o facto de serem belas em si, isto é, o facto do valor estético da sua *superfície* poder correr o risco de se sobrepor ao valor do seu *conteúdo*, suavizando o sentido da denúncia; deixando as imagens aprisionar-se num circuito próprio, hermético, confinado ao espaço da galeria de arte ou do museu.

Propusemos que a Casa das Artes e da Cultura de Beirute fosse construída, literalmente, sobre destroços da guerra, sobre o entulho das ruínas, evitando a sua dispendiosa remoção, mas acima de tudo, apropriando-nos desses destroços como uma inevitabilidade. Considerámos este um acto de exorcização, de aceitação de um quotidiano irremediavelmente presente. Sobre essa topografia de entulho propusemos uma *caixa-negra* - metáfora do armazenamento indestrutível de informação; aquilo que sobrevive ao acidente, ao desastre; aquilo que procura explicação, que conserva a memória, a memória colectiva.

Seria compreensível que a população de Beirute não se revisse nesta proposta carregada de entulho como seria compreensível se recusasse reconhecer qualquer valor estético nas imagens de Basilico ou de Robert Frank. Afinal que legitimidade temos nós de valorar uma história que todos desejaríamos não ter acontecido? Porque deverão os habitantes de Beirute ficar condenados a tropeçar em cada destroço de guerras que, ainda por cima, sempre revelaram interesses originados ao largo das suas fronteiras?

A mais recente renovação de Beirute assenta numa imagem de cidade ambiciosamente cosmopolita. O próprio sentido deste concurso internacional, exprime a vontade de encontrar no espaço global uma solução capaz de representar a arte e a cultura libanesa. Mas a nova Beirute que se começa a reconstruir na zona portuária (com ajuda de *arquitectos-vedeta* como Jean Nouvel) dificilmente exprime mais do que a *cidade genérica* (Rem Koolhaas) construída num tempo incompatível com o carácter das cidades que resultam de transformações lentas, da acumulação e mesmo de contrariedades. A nova Beirute é *tabula-rasa* legitimada pela guerra e neste sentido poderemos afirmar que esta transformação súbita faz, em teoria, parte da própria identidade duma cidade permanentemente martirizada. Na prática, a nova imagem urbana desta Beirute será como a de uma qualquer outra cidade (Luanda, por exemplo) que procura, algo iluso-

riamente, uma competitividade que não deixará de estar assente na normalização dos paradigmas do mercado global: a cidade *starbucks*.

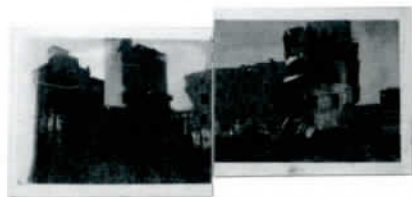
Ao assumir as ruínas de Beirute, os seus destroços e entulho, como parte edificante de um espaço público, de um equipamento público (público; no bom sentido da partilha, da discussão, do confronto) corremos o risco de trazer uma memória que contraria uma *imagem de estabilidade* que interessa política e financeiramente, mas também acreditamos que esta memória contribuirá para o reforço de uma identidade específica, simultaneamente violenta e complexa, que deverá perdoar mas não esquecer; *forgive but not forget*.

Ainda assim, poder-nos-ão acusar (como a Gabriele Basilico, Robert Frank, Atlas Group, etc.) do risco de uma estetização indevida: de estas ruínas no contexto de uma Casa das Artes perderem a sua crueldade original por uma evocação simbólica de uma realidade simulada. Mas mesmo que *estetizar* implique este distanciamento, esta inexactidão, será sempre melhor que a alternativa do branqueamento histórico total. Inevitavelmente, a estetização estará sempre vinculada à obra de arte, felizmente, também contribuindo para uma melhor aceitação daquilo que nos é estranho, promovendo compreensão e uma comunicação alargada. Neste sentido poderemos inclusivé defender que todo processo de estetização da realidade só peca por chegar sempre depois, isto é, tarde demais.

Afinal, nunca não foram os artistas que começaram a guerra...■



Gabriele Basilico, *Beirut*, 1991,
in *CityScapes*, London:
Thames & Hudson, p. 61



Robert Frank, *Beirut*, 1991,
in *Come Again*, Göttingen: Steidl, p. 5

house of arts and culture



*Lebanese Omani Centre (DM + DS + PB + PR). Maquete.
Alçado frontal./ Model. Front view.*

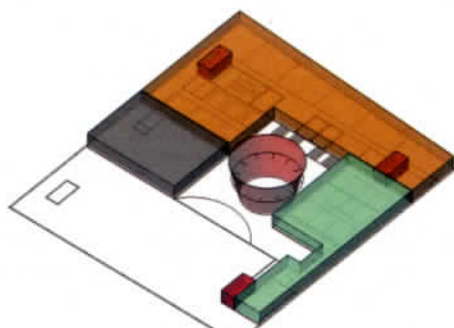
house of arts & culture the lebanese Omani center...t



*Lebanese Omani Centre (DM + DS + PB + PR). Maquete.
Alçado lateral./ Model. Side view.*

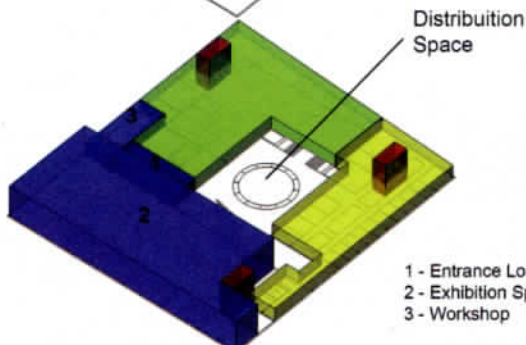
SECOND LEVEL

- D - Work and Training Rooms
- F - Cinematheque
- J - Technical Rooms



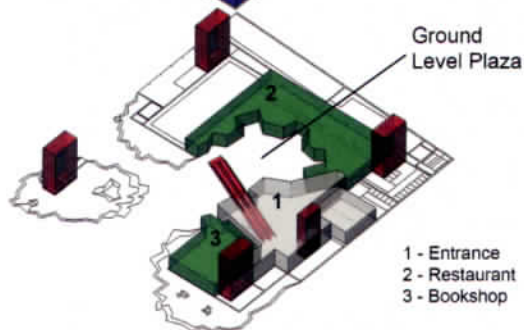
FIRST LEVEL

- C - Exhibition Spaces
- E - Documentation Center
- H - Administration



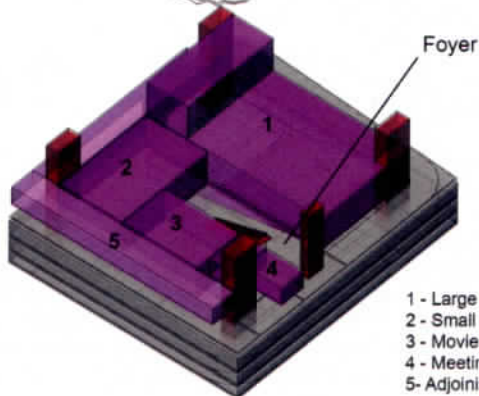
GROUND LEVEL

- A - Reception / Information
- G - Cafeteria and Comercial Spaces
- K - Parking and Delivery Entrance



UNDERGROUND LEVEL

- B - Performance and Conference Hall



PARKING LEVELS

- 1 - Large Hall
- 2 - Small Hall
- 3 - Movie Theater
- 4 - Meeting Rooms
- 5 - Adjoining Rooms

The House of Arts and Culture: a black box between accident and aestheticisation

Pedro
Bandeira

A project by Diogo Matos, Dulcineia Santos, Pedro Bandeira and Pedro Ramalho

Beirut has been, over the years, a city where a cultural activity, strongly imbued of multiculturalism, is confronted with a devastating war scene. Over a hundred thousand people have died during the Lebanese civil war (1975 - 1990) and in 2006 the conflict between Israel and the *Hezbollah*, which claimed another thousand civilian lives, destroyed once again sectors of a city that seems to be unable of finding peace and quite. Beirut is a city of debris, one that does not know what to do with its own destroyed buildings.

Inserted in the most recent renovation of Beirut, the Lebanese Ministry of Culture has launched an international architecture competition for the project for the House of Arts and Culture - *The Lebanese-Omani Centre*. Our (non-winning) proposal departed from the principle that art and culture cannot be indifferent to social issues. On the contrary, art and culture must respond without hesitation to social conflicts. Immediately we recalled the work of *Atlas Group* (recently exhibited in Culturgest, Lisbon) or the photographic work done in Beirut in 1991 by Robert Frank and Gabriele Basilico, both unveiling a city in ruins, consequence of a limitless cruelty. We may say that there is paradox in these images; that the fact they are beautiful in themselves, that is, the aesthetic value of their *surface* may run the risk of overlapping the value of their *content*, softening the sense of denouncement; leaving the images prisoners of a particular circuit, closed and confined to the space of the gallery or the museum.

We proposed that the House of Arts and Culture of Beirut were to be built, literally, on war debris, on the remains of ruins, avoiding its expensive withdrawal, but above all, appropriating that debris as inevitability. We considered this as a cathartic act, of acceptance of an everyday that is helplessly present. On that topography of debris we proposed a *black box* - metaphor of the indestructible storage of information; that which survives accident or disaster; that which seeks an explanation, conserves memory, collective memory.

It would be understandable that Beirut's population would not identify with this proposal, loaded with debris; as it would be understandable if they would refuse to recognise any form of aesthetic value to the images of Basilico or Robert Frank. After all, do we have legitimacy to value a history that we all would wish not to have happened? Why should the inhabitants of Beirut be condemned to trip over debris of wars that, moreover, have always revealed interests originated outside their borders?

The most recent renovation in Beirut is based on an ambitiously cosmopolitan city. The very sense of this international competition, expresses the will to find in the global space a solution capable of representing Lebanese art and culture. But the new Beirut that is beginning to be reconstructed around the harbour area (with the helping hand of *star-architects* such as Jean Nouvel) hardly will express anything beyond the *generic city* (Rem Koolhaas) built in a time that is not compatible with the character of the cities that result from slow transformations, accumulation and even hardship. The new Beirut is a *tabula rasa* legitimised by war and in this sense we may affirm that this sudden transformation is, in theory, part of the very identity of a permanently sacrificed city. In practice, the new urban image of this Beirut will be like the image of any other city (Luanda, e.g.) that seeks, in a somewhat deluded manner, a competitiveness that cannot be but based on the standardisation of the global market paradigms: the *starbucks* city.

By assuming Beirut's ruins, its debris and remains, as structural building part of a public space, a public facility (public: in the good sense of sharing, debating, confronting) we run the risk of bringing in a memory that stands against an *image of stability* that is of interest both politically and financially; but we also believe that this memory will contribute to reinforcing a specific identity, one that is simultaneously violent and complex, one that must forgive but not forget.

Still, we may be accused (such as Gabriele Basilico, Robert Frank, Atlas Group, etc.) of risking an inappropriate aestheticising: that these ruins, in the context of a House of Arts, will lose their original cruelty for a symbolic evocation of a simulated reality. But even if *aestheticising* implies this distancing, this inexactitude, it will always be better than the alternative of a complete historical effacing. Inevitably, a process of aestheticisation will always be attached to the work of art, luckily, also contributing to a better acceptance of that which is unusual to us, promoting an expanded understanding. In this sense we may, moreover, defend that every process of aestheticisation of reality only falls short for arriving afterwards, that is: too late.

After all, artists never started a war... ■

CRÉDITOS CREDITS

PUBLICADO / PUBLISHED

Publicado em 2009 por Editora FBAUP, Universidade do Porto
First published 2009 by Editora FBAUP, Universidade do Porto

© 2009 SELECÇÃO E MATÉRIA EDITORIAL / © 2009 SELECTION AND EDITORIAL MATTER

Gabriela Vaz-Pinheiro

CAPÍTULOS E PROJECTOS / CHAPTERS AND PROJECTS

Respectivos autores / *The authors*

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUTORS

Álvaro Domingues; Inês Moreira; Jorge Silva Marques; Gonçalo Leite Velho;
Pedro Bandeira; António Olaio; Paulo Luís Almeida; R2 / Lizá Defossez Ramalho + Artur Rebelo;
Gabriela Vaz-Pinheiro; Lígia Paz e Mário Moura

PROJECTOS DE ALUNOS MADEP / MA STUDENTS PROJECTS

Ana Sofia Santos; Brunna Anchieta; Eduardo Vieira de Almeida; Joana Nascimento;
Luís Sezões; Maria Côte-Real; Michelle Domingos; Patrícia Monteiro; Patrícia Azevedo Santos;
Rosana Alexandre; Rui Vieira e Vânia Cunha.

DESIGN E DIRECÇÃO DE ARTE / DESIGN AND ART DIRECTION

idd.fba.up.pt / José Carneiro, Katerina Markova e Carla Teske

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS / PRINTED AND BOUND BY

Clássica Artes Gráficas SA - Porto

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada em nenhuma forma electrónica, mecânica ou outra, sem o conhecimento e autorização por escrito da editora e/ ou dos autores.

All rights reserved. No part of this book may be reproduced or utilized in any form electronic, mechanical or other without permission in writing from the editor and/ or the authors.

INDEXAÇÃO BIBLIOTECÁRIA / CATALOGUING

Arqueologia do Urbano, Abordagens e Práticas / *Archaeology of the Urban, Approaches and Practices*
Edição de / *Ed. Gabriela Vaz-Pinheiro*
Número de páginas 184, 134 reproduções a cores; 105 reproduções a preto e branco

PALAVRAS-CHAVE / KEYWORDS

1. Arte / 2. Arte Pública / 3. Espaço Público / 4. Arqueologia Urbana / 5. Arquitectura
1. Art / 2. Public Art / 3. Public Space / 4. Urban Archaeology / 5. Architecture

TRADUÇÃO / TRANSLATION

Gabriela Vaz-Pinheiro. Excepto os textos de Inês Moreira, Jorge Silva Marques, Gonçalo Leite Velho, Lígia Paz e Mário Moura, traduzidos pela LinguaeMundi Traduções./ *Except the texts by Inês Moreira, Jorge Silva Marques, Gonçalo Leite Velho, Lígia Paz and Mário Moura, translated by LinguaeMundi Traduções.*

ISBN / ISBN

978-972-98517-4-2

DEPÓSITO LEGAL / LEGAL DEPOSIT

300 065/09